

FAMÍLIA E ESCOLA: HISTÓRIA, RELAÇÃO E PAPEL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA

Keila Gonçalves¹
Kênia Abbadia de Melo²

Resumo: Esta pesquisa pretende realizar um estudo sobre a instituição familiar e sobre a instituição escolar, investigando a história, a relação e o papel que cada uma tem no processo de formação e educação da criança. Com base em um levantamento bibliográfico e por meio de uma investigação empírica a ser realizada no campo do Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pretende identificar as principais expectativas que a família, na contemporaneidade, tem em relação à escola. Para isso, buscará embasamento em autores com Philippe Ariès (2006), Dermeval Saviani (2004; 2010), dentre outros. Pretende contribuir para a superação de conflitos e divergências e, portanto, para uma prática pedagógica mais significativa.

Palavras-Chave: Família. Escola. Relação família-escola.

Introdução

O interesse por estudar a relação entre a família e a escola surgiu bem antes de iniciar meus estudos no curso de Pedagogia. Filha de professora, sempre, ouvia minha mãe fazer referência à ausência familiar no espaço escolar. Essa referência constante fez surgir o primeiro questionamento: O que leva uma família a se ausentar da vida escolar de seu filho?

Posteriormente, já cursando Pedagogia, quando chegou o momento de definir o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, a lembrança daquele questionamento voltou e o interesse por investigar o tema se reavivou, mesmo porque, gostaria de estudar um tema que julgava, realmente, importante.

Assim, este estudo objetiva proceder a uma investigação sobre a história da família e da escola, na tentativa de compreender a relação família-escola, na contemporaneidade. Entendendo que essa relação tem profundas interferências na atuação da escola, o estudo tem por interesse contribuir com uma prática pedagógica mais significativa, a partir da identificação e da definição do papel e da função de cada uma dessas duas instituições básicas na formação da criança e da juventude.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), unidade de Inhumas-GO. E-mail: keila_goncal05@hotmail.com

² Mestre em Educação. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), unidade de Inhumas-GO. Orientadora de Estágio Supervisionado e de Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: kenia.abbadia@hotmail.com

Algumas Opções Metodológicas

Ainda, em fase inicial, este trabalho de pesquisa começou pela definição do problema. Nesse sentido, a questão principal que norteia este estudo é a identificação de quais são as expectativas da família em relação à escola, em nossos dias. A partir de um levantamento bibliográfico sobre a história da instituição familiar e da instituição escolar, pretende-se compreender como, historicamente, foi sendo construída cada uma dessas instituições. Além disso, buscará, também, compreender como se deu, nos diferentes contextos e momentos históricos, a definição do papel da escola, bem como, as expectativas da família em relação à instituição escolar.

Mediante a definição desses objetivos, a pesquisa será apresentada em três capítulos. O primeiro capítulo, com base em uma pesquisa bibliográfica, investiga e descreve, em síntese, a história da instituição familiar, identificando as mudanças, os diferentes formatos desde a Idade Média até a família na contemporaneidade. Já, o segundo capítulo, também, por meio de um levantamento bibliográfico, pretende descrever a história da instituição escolar, dando ênfase, à escola no Brasil. Para concluir, o terceiro capítulo, por meio de um estudo bibliográfico e de uma pesquisa de campo, pretende estabelecer a relação entre a família e a escola, identificando as principais expectativas construídas pela família sobre a escola de seus filhos. A pesquisa de campo terá como *locus* o campo de Estágio Supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Com base na concepção de estágio como um espaço de investigação e pesquisa (PIMENTA; LIMA, 2004), (LIMA, 2012), paralelamente, ao trabalho orientado e específico do estágio, pretende-se, mediante a escolha de alguns sujeitos, proceder a algumas entrevistas. Essas entrevistas terão como objetivo, identificar como esses pais veem a escola e o que esperam dessa instituição, em relação à educação dos seus filhos.

O Caminho Já Percorrido e o Referencial Teórico

A pesquisa encontra-se em fase inicial e, até o momento, a partir de um estudo bibliográfico baseado, principalmente, em Philippe Ariès (2006), Oliveira (2007), e Zanardo e Valente (2009), o primeiro capítulo está em fase de conclusão. Sabe-se que a família representou e representa um importante espaço de convivência e formação humana nos diferentes momentos da história e nos diferentes grupos e contextos sociais. No entanto, sua

definição, conceito, organização e função sofrem mudanças nos diferentes momentos históricos e conjunturas sociais. Assim, o primeiro capítulo, intitulado *A Família na Sociedade: constituição e mudanças históricas*, apresenta uma pequena síntese dessas mudanças e dos distintos arranjos familiares, desde a Idade Média até às novas estruturas familiares existentes na contemporaneidade.

Philippe Ariès (2006), em seu livro *História Social da Criança e da Família*, afirma que “o sentimento da família era desconhecido da Idade Média e nasceu nos séculos XV-XVI, para se exprimir com um vigor definitivo no século XVII” (p. 143). Considera que “o sentimento da linhagem era o único sentimento de caráter familiar conhecido na Idade Média” (p. 145). Muito diferente do sentimento de família, o sentimento de linhagem delimitava-se pelos laços de sangue, desconsiderando, totalmente, os valores da coabitação e da intimidade, característica que, segundo Àries (2006), influía na falta de consciência da família como sentimento.

Nesse sentido, para o autor, a família conjugal moderna é consequência de uma evolução que se deu no final da Idade Média e teria enfraquecido a linhagem. Simultaneamente, ao enfraquecimento da linhagem crescia a autoridade do marido e a submissão da mulher e dos filhos. Esse movimento duplo representa uma mudança importante nos hábitos e nas condições sociais e a família “torna-se a célula social” (ÀRIES, 2006, p. 146).

Na Idade Média, no momento em que atingiam os sete ou nove anos de idade, as crianças eram introduzidas no mundo dos adultos e, geralmente, colocadas em casas de outras pessoas como aprendizes. As crianças eram entregues a outras famílias que os preparavam para os serviços domésticos.

Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não a seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir (ARIÈS, 2006, p. 156).

Essa prática era considerada como um “período de aprendizagem”. A escola, nesse momento, não tinha espaço na sociedade, em geral, e atendia, apenas, aos clérigos e aos latinófonos, de modo particular e exclusivo, mas, a aprendizagem era um direito de todos. A criança mantinha-se, assim, participando de todas as atividades dos adultos, diariamente.

A partir do século XV, a educação passou a ser responsabilidade cada vez maior da escola. Segundo Àries (2006), essa evolução representou:

Uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família. A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança (p. 159).

À escola era atribuída toda a responsabilidade pelo desenvolvimento social, moral e civil da criança. O ensino público baseava-se na obrigatoriedade do aprendizado inicial da criança, quando se devia aprender a ler e a escrever (ÀRIES, 2006). Surgem, nesse período, os “manuais de civilidade”, que, ensinando boas maneiras, consideradas a parte mais importante da educação, ensinavam as crianças a ler e a escrever:

A conduta doce e harmoniosa das crianças, escreveria um pedagogo do século XVII, dá mais crédito a uma escola do que uma instrução sólida, porque ela mostra a todos que a criança foi instruída, embora talvez tenha aprendido pouca coisa, já que as boas maneiras são a parte principal da educação (ÀRIES, 2006, p. 173).

Este era o contexto e as ideias por volta do século XVII. No entanto, as transformações econômicas causadas pela revolução burguesa no fim do século XVIII provocaram mudanças socioculturais na sociedade da época. Essas mudanças inauguram uma nova era denominada de “modernidade” que se caracteriza por “explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política” (BERMAN, 1987 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 20).

No contexto dessas mudanças, “a família passa a se constituir como espaço privilegiado de realização da vida privada” (OLIVEIRA, 2007, p. 19), consolidando-se, assim, o modelo nuclear de família. Nesse novo modelo patriarcal, a família, na nova sociedade capitalista, rompe, gradativamente, com os atributos comunitários da sociedade feudal, da Idade Média, provocando um processo de nucleamento das relações. Nucleamento que leva a diminuição dos membros da família e caracteriza-se pela centralidade da figura paterna e pela ênfase no afeto construído nesse contexto nuclear (OLIVEIRA, 2007).

São rupturas e mudanças importantes que promovem uma redefinição nas esferas pública e privada, valorizam e dão uma nova configuração à família e estabelecem “uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas” (PERROT, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 29).

Além de ser o primeiro espaço de socialização das crianças, neste momento histórico, o espaço familiar caracteriza-se pelo acirramento na determinação dos papéis e a mulher fica responsável pelo funcionamento da vida doméstica, cuidando da higiene,

alimentação, educação e religiosidade dos filhos. Essa nova família burguesa “institui uma espécie de ‘moral’ própria, que enfatiza aspectos do pudor, do controle exacerbado da sexualidade, determina os casamentos monogâmicos, regulamenta o comportamento das pessoas em papéis bem definidos” (OLIVEIRA, 2007, p. 31).

Assim, neste contexto, a vida em família passa a ter importância fundante, responsabilizando-se pela educação das crianças e pela disseminação dos costumes e valores sociais. No entanto, esse modelo nuclear de família não se mantém com os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, pois, nesse momento da história, os “arranjos básicos começaram a mudar com grande rapidez” (HOBSBAWM, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 32).

São mudanças que vão, gradativamente, alterar o arranjo familiar, alterar o conceito de família, seu papel e sua relação com a formação das crianças. “A instituição familiar acompanharia o desenvolvimento da sociedade capitalista” e, nesse contexto, “muitos desdobramentos da vida moderna atual se efetivam” (OLIVEIRA, 2007, p. 33).

Além da família formada a partir de um modelo tradicional, surge a família formada por pais e filhos de casamentos anteriores. Trata-se da família característica do século XX e XXI, a família pós-moderna, termo cunhado pela escola francesa. Nesse modelo ou arranjo familiar, a união do casal pode ser temporária e flexível. Essa nova conjuntura levou à legalização do divórcio no Brasil, em 1977 (ZANARDO; VALENTE, 2009).

Na contemporaneidade são diversos e novos os arranjos familiares. Temos as famílias formadas pela união de pessoas do mesmo sexo, com filhos adotivos ou a partir da inseminação artificial. Recurso utilizado, não somente, por casais homossexuais, como também, por casais heterossexuais. Vê-se, ainda, um grande número de famílias formadas pelos avós e netos ou famílias nas quais a mulher cria seus filhos, sozinha (NASCIMENTO, 2006).

Entre essas mudanças de arranjo, destaca-se que, a partir do ano 1970, as pesquisas apontam um maior número de mulheres como chefes de família e com uma considerável participação no mercado de trabalho. Desde o ano 1970 até o ano 2000, no Brasil, o número de domicílios chefiados pela mulher subiu de 18,1% para 26,5%. (NASCIMENTO, 2006). Nesse contexto, muda-se, totalmente, a vida familiar, pois, a mulher já não se ocupa exclusivamente com o trabalho doméstico e com a educação das crianças e passa a ter outras responsabilidades, inclusive, o sustento da família.

Assim, mediante este breve estudo, o que se pode observar é que, considerando a família da Idade Média, da Idade Moderna e da contemporaneidade, as grandes alterações

ocorridas nos diferentes contextos e arranjos familiares têm importantes relações com as grandes mudanças ocorridas nas estruturas civis e culturais da sociedade. Nesse sentido, tem importância fundamental nas relações que a instituição familiar e a instituição escolar estabelecem.

Próximos Passos da Pesquisa e o Referencial Teórico

Interessante ressaltar que, segundo Ariès (2006), o surgimento da família moderna e o sentimento de família coincidem com o surgimento da escola, ou seja, concomitantemente, ao aumento da preocupação das famílias com suas crianças, surge o “hábito geral de educar as crianças na escola” (p. 159). A escola, então, surge como forma de aproximação entre pais e filhos.

Com o objetivo de avançar na compreensão da relação entre a família e a escola, o segundo capítulo procederá a uma investigação sobre a instituição escolar, focalizando, principalmente, a escola no Brasil. Para isso, partindo, novamente, da pesquisa de Philippe Ariès (2006), que escreve sobre o surgimento da escola, no continente europeu, focalizará a história da instituição escolar, em nosso país, com base, principalmente, em Demerval Saviani (2004; 2010), Moacir Gadotti (2005), Paulo Ghiraldelli Jr. (2009) e outros.

O terceiro capítulo do trabalho objetivará estabelecer a relação entre a família e a escola, em nossos dias e em nosso contexto, com base, principalmente nas falas de alguns pais, selecionados na escola-campo de estágio. Considera-se que a fala desses sujeitos constituem-se como partes de um sistema mais amplo e, nesse sentido, pode ajudar na compreensão das expectativas que, hoje, as famílias constroem em relação à prática pedagógica da escola. Em outras palavras, trata-se de um estudo de caso, pois, parte de “uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUDKE; ANDRÉ, 1988, p. 21), além de se constituir como “uma unidade dentro de um sistema mais amplo” (LUDKE; ANDRÉ, 1988, p. 17).

Considerações Provisórias

A escola, juntamente com a família, tem a função social de participar da educação das crianças. São instituições de história, cultura e organização distintas. No entanto, igualmente, fundamentais para a sociedade. Nesse sentido, acredita-se que compreender e se

aprofundar no estudo dessas duas instituições pode contribuir para que se tenha maior clareza do papel e da função de cada uma. E, a partir dessa compreensão, quem sabe, será possível lidar de forma mais positiva, com os conflitos, com a divergência de interesses e com suas culturas e organizações distintas.

Referências

- ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.
- GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2009.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- NASCIMENTO, Arlindo Mello do. População e Família Brasileira: ontem e hoje. Trabalho apresentado no **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, em Caxambú-MG, 2006. Disponível em: <www.populacao_familia_nascimento_abep06.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.
- OLIVEIRA, Kaithy das Chagas. **Educação para Modernização e Privatização: a família e a televisão**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal de Goiás, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SAVIANI, Dermeval. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- _____. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- ZARNADO, Larissa; VALENTE, Maria Luisa. Família e Gênero na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 2009. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Disponível em: <www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/>. Acesso em: 03 abr. 2014.